

EDITORIAL

LITERATURA, TRADUÇÃO, PROCESSOS EM ANDAMENTO**Ana Helena Rossi¹**

Universidade de Brasília, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v3i1.25266>

O presente número da revista **caleidoscópico: literatura e tradução** chega ao público com uma mudança no subtítulo, visto que o objetivo da revista é focar na literatura em suas complexas relações com a tradução. Assim, **caleidoscópico: linguagem e tradução** torna-se **caleidoscópico: literatura e tradução**. A razão de tal mudança insere-se na lógica que observo em relação à língua na qual as obras literárias são acessadas. Muitas delas são acessadas em outra língua que não naquela na qual a obra foi inicialmente escrita. Isso significa que existem tradutores/editoras que realizam esse trabalho de tradução/editoração em relação às obras literárias. Tendo em vista esse fenômeno, compete à Literatura, enquanto área de conhecimento, dialogar de maneira mais estreita com a tradução, pois, as relações entre literatura traduzida e literatura em texto original merecem um estudo que envolve a construção do texto traduzido, e dos sentidos criados durante o processo tradutório. De maneira complementar, tenho participado de bancas de Mestrado e de Doutorado na Literatura. Observo uma imprecisão epistemológica ao se referir a um texto traduzido para o português *como se* fosse o texto original. *Como se*, eis a questão! Ora, estamos falando de textos, de linguagem, de códigos linguísticos, de visões de mundo. A relação que a obra literária em sua língua original e essa obra traduzida estabelecem não são *as mesmas*, pois elas estabelecem relações entre si que transcendem a equivalência. São relações complexas que orientam construções de sentido que devem ser pensadas, pois elas estão na base do imaginário sobre um país [para citar apenas um exemplo, a construção da imagem do Brasil na França e no mundo francófono, e sua relação com a tradução das obras brasileiras na França].

¹ Profa. Dra. Ana Helena Rossi. Editora-chefe da revista **caleidoscópico: literatura e tradução**. Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras, e nos Programas de pós-graduação POSTRAD e POSLIT da Universidade de Brasília.

No editorial “Processos e experiências: pensando a tradução”² da revista **caleidoscópico**, resgatei o conceito de “processo”, aplicando-o à tradução. Nessa perspectiva, a tradução constitui-se sob a forma de um processo complexo ao tornar identificáveis os processos que diferenciam o texto literário em língua original e o texto literário traduzido. Em alguns casos, estudos em termos de recepção mostram como um autor é traduzido e recebido em outro país. Na área dos estudos da tradução [Translation Studies / Traductologie], cito Walter Benjamin, e, em particular o texto “A tarefa do tradutor”, um clássico para os Estudos da Tradução. Esse texto foi traduzido diversas vezes do alemão para o português. Uma leitura comparada das diferentes traduções mostra que cada uma delas se baseia em pressupostos filosóficos, teóricos, ideológicos diferentes, o que implica distintas construções de sentido. Quando se sabe que estudar um texto é estudar os seus conceitos e, mais do que isso, a relação entre os conceitos, compreender quais os pressupostos tradutórios que os organizaram é de vital importância para identificarmos a que processo o texto em língua original foi submetido, e o que resultou disso.

Para textos literários, a indagação acima colocada é muito próxima. Nesse caso, estamos falando de visões de mundo que implicam também em orientações de leitura e construções de sentido. O caso da literatura é um verdadeiro estudo de caso porque os textos literários abrem acesso não apenas a conceitos, mas principalmente a questões culturais de grande complexidade que nascem em um *terroir* específico. *Terroir* é um conceito transdisciplinar. Utilizamo-lo da seguinte maneira:

Um *terroir* é um espaço geográfico delimitado definido a partir de uma comunidade humana que constrói ao longo de sua história um conjunto de traços culturais distintos, de saberes e de práticas baseadas em um sistema de interações entre o meio natural e os fatores humanos. Os *savoir-faire* identificados revelam uma originalidade que diz respeito a uma tipicidade e permitem reconhecer produtos ou serviços originários deste espaço e, portanto, para os homens que aí vivem. Os *terroirs* são espaços vivos e inovadores que não podem ser assimilados apenas à tradição.³

² V. 2 N. 1 (2018): Tradução de línguas indígenas.

³ Tradução nossa: “Un *terroir* est un espace géographique délimité défini à partir d’une communauté humaine qui construit au cours de son histoire un ensemble de traits culturels distinctifs, de savoirs et de pratiques, fondés sur un système d’interactions entre le milieu naturel et les facteurs humains. Les *savoir-faire* mis en jeu révèlent une originalité, confèrent une typicité et permettent une

Portanto, os textos são gerados em relação a um *terroir*, e carregam essa marca que é objeto de metamorfose/transformação no decorrer do processo tradutório. Baseando-me em minha experiência pessoal que tenho com a tradução, cito aqui um exemplo que muito me marcou. Lembro-me de meu perfeito estranhamento quando, tendo chegado à França para fazer o meu doutorado, li as obras de Jorge Amado em francês. Estranhamento total porque achei que iria encontrar a *mesma* coisa em língua francesa. Esse estranhamento, processado por mim durante anos, leva-me a afirmar que se trata de uma questão de ordem epistemológica no sentido de observar que o que estava diante dos meus olhos em francês era uma reorganização do texto literário que reconstruía as operações de sentido aos quais eu estava acostumada como leitora de Jorge Amado em língua portuguesa. *Allons bon, tout un programme!* Tenho ciência de que essa comparação foi possível por conhecer ambas as línguas em jogo: o português e o francês. O leitor que lê somente em uma língua não tem acesso à outra. Sabemos disso. Mas aqui ocupo o *locus* de pesquisadora que também é leitora imbuída da pesquisa sobre tradução literária. As indagações provêm desse *locus*. Logo, trata-se de observar o processo tradutório, suas alterações, suas mudanças, o que confere a metamorfose do texto literário traduzido. Todo texto literário tem um contexto linguístico e cultural no qual o mesmo se insere, e do qual ele emerge, e que lhe confere sentido, o *terroir*. Traduzir significa identificar o primeiro *locus* e compreender o processo que reconstrói/ressignifica o texto literário em outro *locus*. Isto significa ressignificar o *terroir*.

Entrando na organização editorial desse número, a seção Artigos da revista **caleidoscópico: literatura e tradução**, apresenta três artigos. O primeiro deles intitula-se “*Reaching a foreign audience: cultural transfers in audiovisual translation*”, por Nathalie Ramière. Esse artigo mostra a complexidade da tradução

reconnaissance pour les produits ou services originaires de cet espace et donc pour les hommes qui y vivent. Les terroirs sont des espaces vivants et innovants qui ne peuvent être assimilés à la seule tradition.” In Philippe Prévost, Mathieu Capitaine, François Gautier-Pelissier, Yves Michelin, Philippe Jeanneaux, Fatiha Fort, Aurélie Javelle, Pascale Moiti-Maïzi, Françoise Lérique, Gille Brunswig, Stéphane Fournier, Paul Lapeyronie et Étienne Josien, “Le terroir, un concept pour l’action dans le développement des territoires”, *Vertigo – la revue électronique en sciences de l’environnement* [en ligne], Volume 14 Numéro 1 [mai 2014, mis en ligne le 20 mai 2014, Acesso em 18 de junho de 2019. URL: <http://journals.openedition.org/vertigo/14807> ; DOI: 10.4000/vertigo.14807

audiovisual no que diz respeito à transferência de cunho cultural para o público estrangeiro. São discutidas noções como “estrangeiramento/exotização” e “domesticação/naturalização” trazidas por Venuti, assim como são discutidas estratégias específicas em relação a subtítulos e dublagens do francês para o inglês. A proposta do artigo é uma abordagem mais pragmática a respeito de tais questões, para estudar as transferências culturais na tradução audiovisual, e com isso complementar a discussão sobre alteridade.

O segundo artigo intitula-se “Linguagem da pele: tradução etnográfica de um relato sobre imigração”, por Fernanda de Deus Garcia e Alice Maria de Araújo Ferreira. O artigo indaga as formas de contato entre etnografia e tradução, como também propõe uma tradução de tipo etnográfica do relato de uma filha de imigrante. Assim, a partir do deslocamento do próprio olhar e do olhar do outro, o objetivo é alcançar o próprio estranhamento para atingir o estranhamento do outro. Por conseguinte, a proposta torna inseparável linguagem, literatura e historicidade, o que torna a tradução um contato.

O terceiro artigo intitula-se “Coautoria ou tradução? A retextualização da escrita acadêmica de um graduando surdo rumo à produção de sentidos”, por Thiago Lemes de Oliveira e Carina Adrielle Duarte de Melo Figueiredo. Esse artigo discute o papel do tradutor e intérprete de Libras no momento da produção da escrita acadêmica do aluno surdo. A questão foca nas competências necessárias para operacionalizar a tradução do par linguístico Libras-Língua Portuguesa, e efetuar a transcrição e retextualização da produção textual do aluno.

Na seção Artigos Traduzidos, o texto “Alcançando um público estrangeiro: transferências culturais em tradução audiovisual”, de autoria de Nathalie Ramière, e traduzido por Morgana Aparecida de Matos, Willian Henrique Cândido Moura e Antônio Elizangela de Moraes Gehin, inicia-se com uma citação de Annie Brisset que mostra a tradução como “uma experiência fundamental da alteridade”.

Na seção Entrevistas, a revista apresenta Maria da Glória Magalhães dos Reis entrevistada por Geovana Araújo Cavendish. O tema é teatro e tradução teatral. De maneira mais específica, as perguntas percorrem a questão da letra do texto teatral e o seu nível performático, a construção do ritmo na tradução do texto teatral, além

de trazer questionamentos acerca da oralidade da letra, e da razão última do teatro que é a encenação do texto teatral.

A seção Traduções apresenta duas propostas: a primeira é uma tradução do conto *“La libreta del Almacén”*, de autoria do paraguaio Mario Halley Mora, e traduzida por Maria Liz Benitez Almeida e Luiz Roberto Lins Almeida. Essa proposta de tradução de um conto paraguaio é muito bem-vinda por várias razões: a primeira é termos um texto traduzido para o português oriundo da literatura paraguaia, ainda muito pouco conhecida no Brasil. Por outro lado, a qualidade literária do texto é inegável, e traz um olhar sensível sobre a dor de uma família que vê seu filhinho adoecendo cada vez mais. A narrativa literária nos convida a acompanhar essa dor por meio das anotações de uma caderneta de compras a fiado. Em terceiro lugar, o projeto de tradução encontra-se coerentemente formulado nas notas de rodapé, onde os tradutores explicitam as estratégias tradutórias, que vão desde apontar questões de pontuação da língua espanhola, um grande cuidado acerca das fontes editoriais utilizadas para a tradução, e a problematização na tradução do léxico coloquial que, por si só, traz aspectos de afetividade difíceis de traduzir, pois são elementos indicadores da cultura. Os tradutores apontam com cuidado as decisões tradutórias, tais como aspectos da “escrita fonética da variedade utilizada no Paraguai pela classe baixa” [ver nota 31], o que nos permite adentrar em questões de linguística, de língua, de classe social, além de norma linguística do português e do espanhol.

A seção apresenta também a tradução de “Três poemas de amor”, por Alexandr Púchkin, em tradução de Oleg Almeida. As três propostas apresentam um vocabulário diversificado que se conjuga com ritmo, permitindo uma leitura poética em português. Interessa-nos, no âmbito da revista, identificar essas reconstruções tradutórias seguindo Boris Schnaiderman que, em seu artigo “Transcrição e a poesia russa moderna”, qualifica com o conceito de transcrição poética as traduções dos poemas de Vladimir Maïakovski por Haroldo de Campos. Nesse sentido, no último poema traduzido, as rimas alternadas de Oleg Almeida mostram o cuidado do tradutor em reconstruir o ritmo do poema original em língua portuguesa. Esse tipo de iniciativa é muito bem-vinda, pois mostra que na tradução

a questão não é a proximidade [ou não] das línguas, mas o trabalho poético no âmbito da tradução, o qual foi muito bem explicitado.

A seção Artes apresenta o poema de Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges intitulado “Poções de palavras”, uma proposta de metalinguagem a respeito da poesia. A seção também apresenta duas propostas de Gabriela de Andrade Rodrigues que submeteu o “Ato desinteressado nº1, 2018, Técnica mista”, ao qual se segue um poema intitulado “Por mais atos desinteressados”, que colocam uma questão premente: a dos atos desinteressados na sociedade atual, vistos sob o ângulo das artes plásticas e da poesia. Em uma grande coerência, imagem e texto interagem tanto pelos respectivos títulos, quanto pelo que eles induzem em termos de leitura e de construção de sentido.